

Prefácio

João Fenandes Teixeira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

TEIXEIRA, J. F. Prefácio. In: ALVES, M. A., and VALENTE, A. R. *O estatuto científico da ciência cognitiva em sua fase inicial: uma análise a partir da Estrutura das revoluções científicas de Thomas Kuhn* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2021, pp. 13-15. ISBN: 978-65-5954-052-5. Available from: <http://books.scielo.org/id/w2nq4/pdf/alves-9786559540525-02.pdf>.
<https://doi.org/10.36311/2021.978-65-5954-052-5.p13-16>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

Prefaciando um livro tão instigante é um desafio. Nele, os autores buscam discutir uma questão fundamental: o estatuto científico da ciência cognitiva. Será que a ciência cognitiva merece, efetivamente, ser considerada uma ciência?

Para responder a essa questão, eles recorrem a ferramentas teóricas e conceituais da epistemologia histórica de Thomas Kuhn. A proposta é analisar a produção da ciência cognitiva entre as décadas de 1940 e 1970 para saber se nesse período se consolidou um paradigma unificador para essa nova disciplina que ensaia seus primeiros passos – um paradigma que abranja os diversos tipos de investigação nesse período e liberte a ciência cognitiva de um estado pré-paradigmático, no qual não existe concordância sequer com os pressupostos e princípios básicos que essa nova disciplina deveria seguir.

Terá a ciência cognitiva, nesse período de 1940 a 1970, ultrapassado a fase pré-paradigmática e alcançado um paradigma a partir do qual seja possível identificar um período de ciência normal? A resposta dos autores é negativa, apesar de ser possível identificar um momento de concordância, um assentimento transitório sobre alguns princípios norteadores de uma ciência da mente compartilhados pelos cientistas cognitivos. A esse momento os autores chamam de “calmaria”, no que

antes parecia ser uma guerra de todos contra todos. Mas a calma é um momento efêmero. Há uma dispersão radical que atinge profundamente os movimentos internos da ciência cognitiva; uma discordância acerca do que deveria ser uma ciência da mente. Daí a incapacidade de consolidar um paradigma.

A análise histórica apresentada pelos autores é rigorosa, precisa. A ciência cognitiva não passa pelo crivo da epistemologia histórica. No entanto, terão outros movimentos, na longa história das tentativas de consolidar uma ciência da mente, conseguido uma consolidação paradigmática? Não podemos confundir certa consolidação institucional com a maturidade paradigmática. É o que ocorre com a psicanálise, o behaviorismo e outros movimentos na história das tentativas de formular uma ciência da mente, os quais, até hoje, tentam se impor institucionalmente, mas não conseguem uma univocidade entre seus adeptos que lhes permita superar sua dispersão interna. Não há um paradigma unificador da psicanálise, pois ela não é um movimento monolítico. Há discordâncias quanto a pressupostos básicos. Isso também ocorre com o behaviorismo. Na psicanálise há os junguianos, os bionianos, os freudianos e os lacanianos. Há behavioristas radicais (skinnerianos), behavioristas watsonianos, behavioristas cognitivos e assim por diante. Haverá algum paradigma unificador para a psicanálise e para o behaviorismo? Como conciliar Freud e Jung, ou Watson e Skinner? Visto dessa maneira, talvez o problema não seja com a ciência cognitiva, mas com as tentativas de fundar uma ciência da mente que, até agora, não foram bem-sucedidas.

Talvez a filosofia possa fornecer um guarda-chuva para abrigar a dispersão da ciência cognitiva. Penso que uma raiz comum para todos os movimentos da ciência cognitiva é a proposta de epistemologia naturalizada formulada pelo filósofo Willard van Orman Quine. Ele defendeu a naturalização da epistemologia, ou seja, a ideia de que o estudo do conhecimento não cabe à filosofia, mas à ciência. A ciência deve se debruçar sobre si mesma para compreender como o conhecimento é produzido. A ciência que pode debruçar sobre si mesma e compreender como funciona nosso conhecimento é a ciência cognitiva. Ou melhor dito, a ciência da cognição. Talvez tenhamos de nos resignar a esse único guarda-chuva proposto por Quine e a abandonar a pretensão de elaborar uma ciência cognitiva que possa desfrutar de um paradigma, uma definição

de um ponto de partida que, assumido por vários pesquisadores, leve ao desenvolvimento do que Thomas Kuhn chamou de ciência normal, ou seja, períodos históricos em que não há questionamento de pressupostos por parte dos cientistas.

Como afirmei, o livro aborda um trecho específico da história da ciência cognitiva, de 1940 a 1970. Chamo esse intervalo de época pós-Turing. Um período de grande importância para a ciência cognitiva, apesar dela ter seguido um caminho errático. Atualmente, a dispersão continua. Há, de um lado, a neurociência cognitiva, que teve grande avanço após a invenção da neuroimagem na metade da década de 1990. A neurociência cognitiva pretende monopolizar o que entendemos por ciência cognitiva e reduzi-la à neurociência. Por outro lado, há a inteligência artificial, baseada nas redes neurais, nos algoritmos de aprendizado e no *big data*. Os defensores das redes neurais modelam o cérebro como uma máquina estatística. Essas abordagens coexistem e disputam a primazia de ser a única e definitiva ciência da mente. Continuamos em um estado pré-paradigmático. Parece que atualmente a única concordância é o abandono do modelo computacional da mente que foi definitivamente sepultado. Ninguém acredita mais que o cérebro seja um computador ou que a mente seja o *software* do cérebro.

Recomendo vivamente a leitura deste livro. Ele é uma abordagem inédita da história da ciência cognitiva, que, em poucas décadas de existência, continua refletindo uma profunda dissensão entre os modos de abordar uma ciência da mente. Mais do que uma reflexão epistemológica, ele traz, também, uma contribuição para a história da ciência cognitiva no século passado, em linguagem fluente e agradável.

João de Fernandes Teixeira

Pesquisador, filósofo e docente aposentado na Universidade Federal de São Carlos